

---

# ENTREVISTA COM WILLIAN E. DOLL: Notas sobre ensino-aprendizagem nos diálogos entre W. Doll e J. Dewey<sup>(\*)</sup>

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos<sup>(\*\*)</sup>  
Luis Paulo Cruz Borges<sup>(\*\*\*)</sup>

Como parte do Dossiê *Linguagens, Formação de Leitores e Cognição*, organizado pela Revista Teias, apresentamos notas sobre encontros, a tese e entrevista com o Professor Willian E. Doll no intuito de promover um diálogo entre ele e John Dewey. Este último é introduzido na conversa como um dos ícones da Educação estadunidense que inspirou, sobremaneira, a obra e a prática pedagógica de Doll, assim como a nossa no Brasil.

Em um de seus verbetes o Professor W. Doll define-se como "um pós-modernista envelhecendo com interesse nas teorias da complexidade, no Dewey, e na espiritualidade". Senhor gentil, alegre, atencioso e de trato cortês, Doll é um dos grandes nomes da área da Educação, no circuito internacional, com quem tivemos a honra de partilhar alguns encontros acadêmicos e uma entrevista particular em Vancouver, Canadá, entre os idos de agosto de 2013 a agosto de 2014.

William E. Doll é, atualmente, professor visitante na *University of British Columbia* no Canadá, Professor Emérito de Currículo da *Louisiana State University* nos Estados Unidos e Professor Adjunto da *University of Victoria*, também, no Canadá. Seus livros versam sobre a complexidade e a perspectiva pós-moderna no Currículo, entre os mais recentes estão: *A Post-Modern Perspective on Curriculum*, *Curriculum Visions* (coeditado com Noel Gough) e *Chaos, Complexity, Curriculum and Culture* (coeditado com Jayne Fleener, Donna Trueit e John St.Julien). Atualmente é editor associado do jornal *Complicity* e responsável pela linha de publicação sobre a intersecção entre a teoria da complexidade e a Educação. Já no Brasil, na década 1990, teve traduzido o livro *Currículo: uma perspectiva pós-moderna* publicado pela editora Artes Médicas.

A nosso ver, o diálogo entre Doll e Dewey sobre a Pedagogia e o currículo se dá sobre a experiência prática de sala de aula, no entendimento dessa prática a partir da possibilidade e

---

<sup>(\*)</sup> Os encontros presenciais entre os autores e o entrevistado se deu no período de janeiro a abril de 2014 na Faculdade de Educação da *University of British Columbia* em Vancouver no Canadá, durante o curso de pós-graduação intitulado: *Inquiry Into Contemporary Curriculum Thought* ministrado por W. Doll e Donna Trueit. A entrevista foi conduzida pela autora em 21 de maio de 2014.

<sup>(\*\*)</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ – Brasil. E-mail: carmenlgdemattos@globocom.

<sup>(\*\*\*)</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ – Brasil. E-mail: borgesluispaulo@yahoo.com.br.

---

vivência do aluno. Tal relação ocorre, principalmente, na teorização do processo pedagógico e curricular pelo imbricamento da complexidade na Educação. Para ambos, currículo é interação com a vida, não ocorrendo em um vácuo. Dessa forma, é em comunidade que a experiência do aluno é reconstruída. A emersão, do entendimento e do conhecimento, se dá por meio de interações complexas e por meio da reconstrução da experiência que ocorre dentro de uma comunidade solidária. Dewey e Doll partilham a visão de que o currículo se dá na complexidade e na ação reflexa do que realmente ocorre na salas de aula e na vida diária.

***Como lidar e levar os estudantes a se engajarem com o currículo e ter mais efeito para transformar o que nós precisamos para pedagogia na sala de aula no século XXI?***

*“... a reconstrução ou reorganização das experiências que somam ao significado de experiência, e que aumenta a capacidade de conduzir o curso de experiências subsequentes” (Dewey).*

Bom, olhando para algumas informações do seu trabalho, já é apreciável. O currículo geralmente é considerado algo como feito para o aprendiz, porém sem prestar atenção no aprendiz, isso é sempre feito antes de qualquer aula começar. Não estamos usando o currículo, a verdade é que temos uma concepção amortecida e estagnada do currículo. Podemos ver trabalhos sem noção de como usar o currículo. O uso do currículo se dá no relacionamento entre: estudantes, professores, provas, textos e todas as vozes que precisam ser incluídas nele. O currículo precisa ser ouvido, ele é complexo e interessante. Eu discuto que somente temos um currículo quando ocorrem dinâmicas entre estudantes, professores, textos, todos se respeitando uns aos outros, todos se escutando uns aos outros, quando todos estão engajados uns com os outros. O currículo vem da vivência, vem da urgência de uma direção. É lógico que nós temos que começar a mexer na estrutura curricular e pedagógica. Está na hora dessa estrutura ficar mais flexível, se voltar cada vez mais aos interesses dos alunos. Quando isso ocorre, automaticamente a aula começará por si só e não como estamos acostumado a conduzi-la [com uma pauta prévia e sob o controle único do professor]. Há aulas que seguem por si só e as interrupções nos fazem sentir o pulsar da vida. Respeitando uns aos outros. Respeitando o texto. Sim, se o texto é apropriado, as boas ideias também são apropriadas e somos formados de modo a conviver em comunidade.

Para Dewey, desenvolver o hábito de pensar reflexivamente levará o aluno a um desempenho superior em uma variedade de situações individuais. Assim, seu modelo de questionamento da experiência enfatiza, não o produto do pensamento, mas o hábito de pensar em si e as possibilidades que este pensar produz. Esta ênfase no pensar, por sua vez, significa um envolvimento pessoal na escolha dos fins, enfrentando as consequências, e desenvolvimento de

---

alternativas, que não são encontrados na maioria dos modelos de currículo ou de comportamento previstos pela escola (DOLL, 1973 p. 69).

***Qual o sentido da escola hoje? Por que a degradação, a falta de sensibilidade de alguns professores com as suas próprias escolas e com os seus alunos? Como não se importar como esses alunos e com o que eles têm para nos ensinar? Como pensar uma abordagem sobre currículo a partir dos alunos? Eu vejo que o nosso problema agora na educação não se limita ao enfrentamento das questões sobre as relações de poder, de gênero, da cor da pele, de religião e outras questões críticas à Pedagogia, mas do reconhecido do aluno enquanto aluno. Como você pode me ajudar a pensar no aluno como agente do processo de mudança da escola?***

*"O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento" (Dewey).*

Agora quando você fala, você fala na primeira pessoa, eu entendo! Eu acho que nós temos que nos apresentar a nós mesmos, para sermos mais humanos, todos nos acham estranhos, todos acham que isso nos enfraquece, mas todos nós amamos ou odiamos, isso é natural! Então, nós ensinamos a nos respeitar como nós somos. Esse é um abismo entre o professor que tem o conhecimento e o que não tem esse conhecimento, o ignorante, eu não sei bem a palavra. É só remover todos que dizem algo assim. Agora, por outro lado, os participantes do processo pedagógico, todos eles, estudantes e professores, devem trabalhar e trabalhar duro. Se você não fizer isso, não há muitas coisas que possamos fazer sozinhos. A comunidade terá que fazer, eu acho que você e eu, assim como os professores que começam a se unir, também podem fazer isso. Mas, eu preciso saber quem sou eu? Sobre o que eu sou? O que eu penso ser? Quando começamos uma conversa, geralmente, não pensamos sobre isso, mas precisamos participar. Na sala de aula, quando algumas pessoas estão conversando, às vezes até por boas razões, nós (professores) queremos trabalhar e cumprimos uma ordem, trazer para o "bom senso" de que temos que continuar seguindo em frente. Então, todo mundo quer fazer parte da sala de aula, e temos que permitir. Em química quando você quer criar situações complicadas, você coloca junto vários elementos, e isso causa um pouco de distúrbio que incapacita a estrutura desses elementos e às vezes o todo. Nesse movimento de distúrbio os elementos agem para romper com suas próprias estruturas e interagir com os outros elementos. Somente quando isso acontece, quando uma formação estranha acontece os professores que estão próximos uns aos outros fazem algo e os alunos têm que ter o compromisso com esse estranhamento. Se não houver compromisso, eu acho que é preciso que tenha, não haverá esse estranhamento que é um dos pontos para a ruptura. Eu não acho que tenhamos que atravessar montanhas, eu não acho que temos que ter necessariamente uma boa ideia. Mas, temos que lidar com formas diferentes e complexas.

---

Educacionalmente Dewey viu o processo de escolarização como sendo a prática real do indivíduo formando seus próprios fins, refletindo sobre eles, interagindo com pontos de vista dos outros sobre eles e, finalmente, testando-os em termos de desempenho e consequência. Este processo acontece naturalmente um pouco na vida comum (especialmente na vida social), mas Dewey acreditava que o processo em si seria mais eficaz desenvolvido em um ambiente controlado, selecionado, portanto, a escola, a situação, a estrutura. Mas – e este é o ponto importante aqui - a formação de boa qualidade deve ser uma parte, não da tarefa de educadores, mas do processo educativo; na verdade, ela deve ser o foco central desse processo (DOLL, 1973, p. 60).

## REFERÊNCIA

DOLL, W. E. A methodology of experience, Part II. *Educational theory* 22(1), p.56-73, 1973.

*Submetido em: abril de 2014*  
*Aprovado em: setembro de 2014*